

**“O PROBLEMA DA HIGIENE É UM PROBLEMA POLÍTICO-SOCIAL”: O
ENGENHEIRO ANDRÉ REBOUÇAS E A QUESTÃO DA HIGIENE NA
CAPITAL DO IMPÉRIO – 28/02/1888¹**

Lizandra Júlia Silva Cruz²

RESUMO:

O presente estudo tem como objetivo analisar algumas das contribuições de André Rebouças para ampliação de diferentes temas ligados aos debates acerca do papel que o Estado Brasileiro poderia e/ou deveria ter no contexto do Segundo Reinado. Para tanto, partiremos da análise do estudo “HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional”, cuja primeira parte foi publicada em 28 de fevereiro de 1888, na Revista de Engenharia (ligada à Escola Politécnica do Rio de Janeiro). Entendemos que, conquanto a atuação profissional e política de Rebouças se configuram dentro (e em apoio crítico) ao governo imperial, suas contribuições de aparência técnica, revelam visões bastante modernas e inovadoras sobre aqueles espaços e funções que deveriam compor a atuação do Estado (em processo de crescimento e modernização), bem como perspectivas em muitos sentidos únicas sobre um tipo e ocupação mais democrática da cidade do Rio de Janeiro (no tocante ao abastecimento de água, tratamento e escoamento de esgoto e do papel conexo entre diferentes aspectos do planejamento urbano para a melhora geral das iniciativas ligando práticas mais amplas de higiene para a saúde da população escrava, liberta e livre.

Palavras-Chave: André Rebouças; Intelectualidade Negra no Brasil; Planejamento Urbano; Revista de Engenharia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze some of André Rebouças's contributions to the expansion of various topics related to debates about the roles of the Brazilian state in the infrastructure and urbanism in the period known as the Second Empire. To this end, we based the research in the “HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional”, first published in February, the 28th of 1888, in the Revista de Engenharia (from the Escola Politécnica do Rio de Janeiro). Although Rebouças's professional activity and political views are framed within and in support of the imperial government, his contributions revealed very modern and innovative views on the functions the state should have in the process of national growth and modernization. Rebouças's perspectives on how urban reforms in the city of Rio de Janeiro should be inclusive of a more democratic demography regarding matters such as water supply, treatment and sewage drainage and the connected role between different aspects of urban planning for the overall health of the enslaved, emancipated and free poor working population. These last views were specially revolutionary to the context of the Brazilian slavocracy.

Key-words: André Rebouças, Black Intellectuals in Brazil; Urban Planning; Revista de Engenharia.

¹ A pesquisa que embasou o presente estudo foi realizada com apoio dos organizadores da *Conferência e Prêmio P3C* (<https://p3c.com.br/>).

² Formada em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST-UNIFESSPA), dedica-se ao estudo de múltiplos aspectos dos abolicionistas negros e dos movimentos abolicionistas no Brasil desde 2017.
E-mail: lizandrajcruz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 28 de fevereiro de 1888, André Pinto Rebouças, com então, cinquenta anos, publicava na *Revista de Engenharia* – ligada à Escola Politécnica do Rio de Janeiro - a primeira parte do estudo HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional, que será citado apenas como *Hygiene* ao longo deste trabalho. O referido estudo é, na realidade, bastante mais amplo e teve as partes 2, 3, 4 e 5 publicadas em números seguintes entre os meses de fevereiro e maio do ano supramencionado. A primeira parte, com o HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional (como o título geral do trabalho), tem enfoque na contribuição de cunho mais filosófico para os temas que contemporaneamente seriam agrupados como ligados aos setores de infraestrutura e do urbanismo. As referidas reflexões partem de variados pensadores e teóricos franceses e estadunidenses como Vitor Hugo, Benjamin Franklin, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Sêneca, Sócrates, entre outros. A segunda parte, com o “HYGIENE PUBLICA”, a terceira parte, intitulada “ABASTECIMENTO D’ÁGUA AO RIO DE JANEIRO”, a quarta e quinta foram nomeadas como “HYGIENE INTERNACIONAL” e “CONCLUSÃO”.

Entendemos que o referido estudo nos serve de base para pensarmos não apenas as contribuições de Rebouças, como introduzido, para o urbanismo e a infraestrutura, para a história da engenharia no Brasil, como também para pensarmos suas contribuições para aplicação de soluções de engenharia a partir de uma perspectiva de inclusão social na medida do possível em face às especificidades provenientes da escravocracia brasileira.

O “engenheiro” foi a faceta escolhida para essa tarefa, pois ele permite perceber André Rebouças em palavra e ação, empenhado na modernização econômica e material daquela sociedade escravocrata e senhorial (...) Duas facetas que parecem antagônicas a outros analistas – a formação militar e a carreira de engenheiro civil voltado para grandes obras de infraestrutura – modernização portuária, saneamento, expansão ferroviária e para uma interpretação não militarista da segurança nacional (TRINDADE, 2011, p. 13-14)

Assim, para refletirmos mais sobre os impactos dos estudos sobre André Rebouças, em especial, sobre suas contribuições como engenheiro (especificamente no tocante à grandes obras públicas de saneamento na capital política do Brasil, ou seja, na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX), organizaremos a redação do presente trabalho em 3 partes. Depois da presente Introdução, em “ANDRÉ REBOUÇAS – BREVE TRAJETÓRIA”, percorreremos a trajetória de Rebouças evidenciando alguns processos e escolhas que auxiliarão na compreensão dos temas tratados em *Hygiene*. Em

seguida, no item “28 DE FEVEREIRO DE 1888: PARTE INAUGURAL DE UM ESTUDO SOBRE A HIGIENE COMO PREOCUPAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DO ENGENHEIRO ANDRÉ REBOUÇAS”, dedicar-se-á a uma análise mais aprofundada do referido estudo realizado por Rebouças em suas facetas mais amplas juntamente da compreensão que, dentro das observações realizadas ao supracitado, tem como viés metodológico uma análise ampla do que André entendia como importante para mudança estrutural da cidade do Rio de Janeiro, com reflexões e apontamentos de cunho mais filosófico e analítico, se afastando do que hoje é entendido como Estudo Clássico da Engenharia (fórmulas, desenhos e cálculos matemáticos). Por fim, na parte final do item 3, serão apresentadas algumas análises finais.

ANDRÉ REBOUÇAS – BREVE TRAJETÓRIA

Quando se pensa em André Pinto Rebouças (1838-1898), seu ativismo e suas contribuições para o debate abolicionista constituem, talvez, alguns dos aspectos mais frequentemente relacionados com sua figura. Suas contribuições e campos de atuação, contudo, configuram-se em esferas bastante mais amplas que envolvem desde seus projetos e liderança de obras de grande porte na cidade do Rio do Janeiro (e em outras regiões do Brasil), até suas contribuições extremamente propositivas para os rumos da emancipação escrava e do pós-abolição no Brasil. Estudos históricos e biográficos, entre outros, conquanto venham crescendo em termos quantitativos e qualitativos nos últimos anos, têm também desvelado um crescente potencial para o desenvolvimento de novas reflexões sobre sua trajetória profissional e intelectual (MATTOS, 2016, 2018 e 2022; PINTO, 2018; NEVES, 2014; TRINDADE, 2011; CARVALHO, 1998; JUCÁ, 1989 e SANTOS, 1985; VERÍSSIMO, 1939).

Nascido em Cachoeira, na região do Recôncavo Baiano, em 13 de janeiro de 1838, filho de Carolina Pinto Rebouças e Antônio Pereira Rebouças, André Rebouças foi “o primeiro filho varão”³ do casal. (REBOUÇAS apud MATTOS, 2022, p. 411). Em 1846, a família se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, então capital da Corte Imperial. Em razão de uma epidemia de febre amarela, André é transferido, em 1848, para a cidade de

³ A passagem foi retirada de uma entrada nos diários feita em folha separada com data de 1º de janeiro de 1893, na qual André Rebouças reproduziu o relato do pai no Livro da Família na data de seu batizado, em 23 de setembro de 1838. Retirou-se o trecho da Cronologia da antologia de textos, *Cartas da África*, organizada pela historiadora Hebe Mattos (2022).

Petrópolis, onde estudará por dois anos no Colégio Kopke. De volta à casa da família, dará continuidade aos seus estudos no prestigioso Colégio Marinho.

Em 1854, aos 16 anos, André Rebouças ingressa na Escola Militar de Engenharia⁴. Tendo se dedicado à botânica, como área de concentração, é aprovado nos exames de conclusão em fins 1858. Passará os próximos dois anos na Escola Militar e de Aplicação, onde se formou engenheiro militar. Parte, em 1861, para um período de dois anos de estudos no exterior, que se dividirá majoritariamente entre as cidades de Paris e Londres. A partir de 1863, começa a atuar como engenheiro contratado para exercício da função no Império, em conjunto com seu irmão mais novo, Antônio Pereira Rebouças Filho (1839-1874), que havia seguido uma trajetória de formação acadêmica bastante parecida.

Com exceção do período em que serviu entre os Voluntários da Pátria, na Guerra do Paraguai (1864-1870), entre 1865 e meados de 1866, dedicou-se desde os 25 anos ao estudo e execução de importantes obras de infraestrutura no país. Dentre os muitos exemplos importantes, estão os estudos técnicos sobre diferentes regiões portuárias brasileiras e, em especial, seu papel de liderança em face obras das Docas da Alfândega do Rio de Janeiro, entre 1867 e 1871. Outro exemplo de fundamental importância para sua trajetória como engenheiro foi a concepção e planejamento de uma arrojada estrada de ferro interligando o litoral ao planalto paranaense, feita em conjunto com seus irmãos mais novos, a partir de 1870. A execução desta obra, contudo, se deu apenas no início da década de 1880.

Ainda que esses exemplos sejam, talvez, os que acabaram ganhando maior notoriedade, os projetos e ideias de André Rebouças somam uma farta variedade de campos que abrangem desde a exploração e transporte de madeira para obras portuárias, até estudos para melhorar a compreensão das potencialidades de navegação dos rios Paraná e Uruguai. Foi, também, idealizador da criação de um parque natural em torno das Cataratas do Iguaçu, demonstrando visões que seriam modernamente consideradas de grande sensibilidade ambiental. Suas ideias, estudos e propostas cobrem diferentes áreas de atuação e são pioneiras no tocante à relação entre a atuação do estado em conjunto com esfera privada para o avanço de setores estruturais no Brasil.

⁴ A Escola Politécnica do Rio de Janeiro passou por uma série de transformações até chegar a este nome e fazer parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Começou como Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, passou a Academia Real Militar e por fim Escola Politécnica (UFRJ).

Ver mais informações em: <https://poli.ufrj.br/politecnica/historia/#:~:text=Em%201874%2C%20a%20Escola%20Central,criadas%20novas%20especialidades%20de%20engenharia.>

Nesse mister, os anos finais dos 1860, momento em que passa se declarar publicamente como abolicionista, e o ano de 1870, em especial, por exemplo, são emblemáticos não só pelo fim de sua relação direta com a referida obra das docas, mas pela diversidade de estudos e propostas de criação de empresas para servirem de concessionárias nos setores de abastecimento de água, madeira, navegação e construção de estradas de ferro. Faz-se importante mencionar que a experiência com as docas também resultou na publicação de um livro (REBOUÇAS, André. *Companhia da doca da alfandega do Rio de Janeiro*. 1877). Futuras pesquisas nos permitirão compreender melhor diferentes dimensões de suas contribuições para a reflexão acerca das práticas e doutrinas ligadas à colaboração entre os poderes públicos e esfera privada para o setor de infraestrutura no Brasil.

Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar que André Rebouças também se dedicou, em diferentes capacidades, às atividades de ensino, quase que desde o início de seus estudos “na aversão, que tinha à vida militar, e no amor ao professorado”⁵. Essa passagem diz respeito à tentativa malsucedida de Rebouças para ocupar a vaga de substituto na seção de matemática da Escola da Marinha. A congregação da referida escola, contudo, acabou por decidir que o contratado deveria ser necessariamente egresso da instituição, segundo relato Rebouças de 16 de dezembro de 1858 (MATTOS, 2022, p. 415). A despeito dessa primeira tentativa - que pode ter contribuído para que o jovem André Rebouças seguisse com sua formação na Escola Militar e de Aplicação - não deixou conseguir atuar como docente substituto em diversas cadeiras na então Escola Politécnica até, pelo menos, 1868.

Como anteriormente introduzido, é nessa instituição que, em um discurso, declara-se publicamente como abolicionista e passa a discutir a questão do fim da escravidão tanto em termos mais teóricos, como propondo, por exemplo, uma base inicial de cálculos para a criação de um fundo de emancipação. Esses cálculos, faz-se indispensável reiterar, se desenvolvem no contexto das complexas demandas sociais e das discussões – de dentro e de fora - do estado que contribuirão para a aprovação da Lei 2.040, em 28 de setembro de 1871 (também conhecida como Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco).

⁵ De forma semelhante à nota anterior, a referida passagem foi retirada também na Cronologia de Mattos (2022), com data de 16 de dezembro de 1858.

Os 1870, por um lado, serão anos conturbados no tocante à direção das empresas e concessões⁶ que haviam se originado da experiência e da genialidade com a qual André Rebouças identificou a falta de iniciativas públicas e privadas em diversos setores fundamentais à modernização na nação. É nesse interim que parte das concessões exploradas por suas empresas são terminadas. É, também, em 1874, que Rebouças perde seu irmão Antônio para a febre tifoide. Olhando por outro ângulo, contudo, os 1870 serão também um decênio de imenso crescimento pessoal, intelectual e profissional. Rebouças terá a oportunidade de passar quase um ano viajando entre a Europa e a América do Norte, entre setembro de 1872 e julho de 1873. Também publica uma série de livros, para além de numerosos artigos para diversos jornais, entre eles *O Novo Mundo* e *Jornal do Comércio*. Dentre seus livros, alguns importantes de serem mencionados são: *Garantia de juros: estudos para sua aplicação as empresas de utilidade pública no Brazil*⁷ (1874); *Socorros publicos: a sêcca nas provincias do norte* (1877) e *Ensaio de indice geral das Madeiras do Brazil*⁸ (1877 e 1878). Talvez a multitude de textos publicados (e também de cartas) esteja, em alguma medida, relacionada com a interrupção da escrita de seus diários no início de 1877. Rebouças apenas retomará suas entradas no ano de 1883, quando já havia sido aprovado no concurso e atuava como professor efetivo da cátedra de Engenharia Civil na Escola Politécnica há quase 3 anos.

A primeira metade da década dos 1880 será marcada pela atuação de Rebouças em diferentes frentes de debate e luta abolicionistas. Seus artigos e textos permanecem presentes na imprensa abolicionista e suas contribuições na organização e participação em eventos na corte e fora dela é impressionante. Seu ativismo, nesse mister, se projeta nas expressões da efervescência da resistência escrava (MACHADO, 2010) e da expansão do alcance dos movimentos abolicionistas no Brasil (ALONSO, 2015 e

⁶ Em 3 de janeiro de 1871 através do **decreto 4.665** Rebouças recebe Autorização do Império Brasileiro para organização de uma companhia que faça reparos de navios pelo sistema de Edwin Clark. Em 10 de janeiro do mesmo ano torna a receber outra autorização para organização de uma companhia a fim de construir a estrada de ferro na província do Paraná através do **decreto 4.674**. Em 25 de abril de 1874, com o **decreto 5.608**, obtém autorização do Império Brasileiro para organização de companhia para construção da estrada de ferro Conde d'Eu na província da Parahyba.

⁷ Esta obra trata de teorias financeiras que são utilizadas até os dias de hoje. Aborda, em sua essência, da Taxa Interna de Retorno Garantido (nome utilizado nos dias atuais) que, explicada de maneira simplória, diz respeito a uma taxa que avalia a viabilidade de um projeto. Essa visão econômica de Rebouças é bastante inovadora para o contexto do século XIX. Ver mais em: <https://warren.com.br/magazine/taxa-interna-de-retorno-tir/> acesso em 29/06/2023.

⁸ Escrito por André e José Rebouças, foi uma sequência de três fascículos catalogando espécies de árvores presentes na flora do Império brasileiro apontando o nome “comum” e o científico, a classificação botânica, o cerne e utilização, o peso, dimensão do tronco e sua localização.

ALBUQUERQUE, 2018). Também é nesse período que a perda do pai, Antônio Pereira Rebouças (GRINBERG, 2002), em junho de 1880, culminará na venda da casa da família do Rio e a decisão de passar a morar em hotéis.

A década de 1880 envolverá extremos para experiência pública e pessoal de André Rebouças. Realiza outra viagem ao exterior entre fins de 1882 e 1883. Sua militância abolicionista ocupará cada vez parte mais expressiva tanto de suas atividades cotidianas, como de suas inquietações e elaborações político-raciais. O acirramento dos enfrentamentos que acarretaram a queda do Gabinete Dantas e a ascensão, depois do Gabinete Saraiva, do grupo conservador ligado ao Barão de Cotegipe, terão impactos emocionais negativos para Rebouças, a partir de 1885. Não podemos nos furtar de apontar que o caráter monarquista de seu ativismo político é informado por um panorama complexo dos debates, narrativas e práticas político-sociais da realidade brasileira daquele momento. Para muitos, tanto vivendo naqueles anos finais da escravidão e da monarquia, quanto para intérpretes mais recentes, a relação crítica entre importantes abolicionistas (em especial os abolicionistas negros, como é o caso de Rebouças e de José do Patrocínio) e a manutenção do Império prescinde de análises teóricas complexas. Não é possível, aqui, nos dedicarmos a resumir de maneira minimamente suficiente as aparentes incongruências entre as duas coisas sem parar para analisar de maneira mais aprofundada uma série de fatores específicos, que só podem ser dimensionados em uma perspectiva relacional:

Rebouças também gastara cerca de dois anos ao velho mundo depois de diplomado. Voltou com uma especialização em engenharia militar que serviu na guerra contra o Paraguai por um ano, requisitando a usual dispensa por saúde. Em 1873 conheceu os Estados Unidos e entre fins de 1882 a inícios de 1883 retornou à Europa. Esse cosmopolitismo configura o liberalismo monarquista desse grupo. (Joaquim) Nabuco aprendeu por observação própria as vantagens e desvantagens dos três regimes políticos de referência da elite brasileira: impressionou-se com o progresso material americano, com a vivacidade material francesa e com a forma política inglesa, estreitando com os abolicionistas americanos e com a anti-slavery society e Londres. Rebouças tornou persuadido de que os melhoramentos materiais eram condições de progresso e de que a melhor maneira de alcançar transformações sociais estava na propaganda junto aos políticos e à opinião pública, ao invés de avançar diretamente pela política partidária (ALONSO, 2000, p. 78).

Ainda que a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, tenha dado algum fôlego à monarquia, a instalação da República, em 1889, levou Rebouças a deixar o Brasil acompanhando a família real para Europa. Até sua morte, em 9 de maio de 1898, viajara por diferentes cidades e regiões europeias, majoritariamente entre Portugal e França,

depois partirá para seus anos na África. Visitará Moçambique e a África do Sul antes de se instalar brevemente na Ilha da Madeira, onde viverá seus últimos anos. As circunstâncias de sua morte, noticiadas tanto como suicídio como acidente, ainda hoje suscitam interessantes debates. Seu corpo retorna ao Brasil em junho 1898, para ser sepultado no Rio de Janeiro.

Parte expressiva das informações biográfica acima partiram da pesquisa de Hebe Mattos para o *Cartas da África: Registros de Correspondência, 1891-1893* (2022), do volume escrito por Ignácio José Veríssimo *André Rebouças Através de sua Autobiografia* (1939) e *André Rebouças: Reforma e Utopia no Contexto do Segundo Império (Quem Possui Terra Possui o Homem)*, de Joceline Jucá (1989). Outros autores e autoras tiveram contribuições fundamentais para a presente análise e algumas dessas pesquisas aparecem mais abaixo. (MATTOS, 2016, 2018 e 2022; PINTO, 2018; NEVES, 2014; TRINDADE, 2011; CARVALHO, 1998; JUCÁ, 1989 e SANTOS, 1985; VERÍSSIMO, 1939).

Como ver-se-á a seguir, outros autores e autoras vêm enriquecendo o coro de vozes que procuram reverberar aquela de Rebouças (e das suas muitas facetas, em especial, de sua militância abolicionista). Para a pesquisa histórica, nesse sentido, faz-se necessário pontuar, que o caso de André Rebouças é bastante único, haja visto que ele aparentemente é o único abolicionista negro que deixou um conjunto documental tão vasto na forma de seus diários (para além de outros escritos, como é o caso de seus estudos técnicos, entre tantos outros). Tal conjunto documental é ainda mais impressionante se se pensar a partir da perspectiva da escrita de si.⁹

Em relação ao conjunto de diários deixados por André Rebouças, a consulta pode ser feita a partir de alguns dos cadernos que já foram publicados (e digitalizados) e vêm ganhando maior atenção da comunidade acadêmica dedicada, como introduzido, principalmente aos temas do abolicionismo. Até o momento de redação do presente texto, contudo, não se tinha conseguido localizar esforços de digitalização e/ou disponibilização para ampla consulta remota da totalidade dos diários. Não foi possível se encontrar o trabalho de transcrição e publicação feito por Vera Lúcia Costa Acioli, de 2010¹⁰.

⁹ Ver mais em: CRUZ, Lizandra Júlia Silva. Luiz Gama e a Escrita de Si: aproximações entre teorias da história.

¹⁰ Segundo informações disponibilizadas na Plataforma Lattes, a pesquisadora Vera Lucia Costa Acioli teve reconhecimento por notório saber a partir de sua experiência com paleografia, que resultou na “publicação do primeiro Manual de Paleografia Brasileira - A Escrita no Brasil Colônia”. Seu currículo foi consultado em 30/04/2022 e pode ser acessado em: <http://lattes.cnpq.br/2697967429548091>

Segundo informações disponibilizadas na Plataforma Lattes, a pesquisadora Vera Lucia Costa Acioli¹¹, concluiu em 2008 o Projeto de Pesquisa André Rebouças, que envolveu a transcrição “e comentários de 19 volumes manuscritos de André Rebouças, para publicação”.

Foram encontradas poucas referências a essa publicação, concentradas nos trabalhos de Anita Maria Pequeno Soares (SOARES, 2017). Faz-se importante mencionar que, de acordo com a historiadora Hebe Mattos, os originais se encontram entre os acervos da Fundação Joaquim Nabuco, na cidade do Recife. A mesma historiadora confirma que os diários foram transformados em microfilme e também podem ser consultados nesse formato localmente (MATTOS, 2022, p. 12). Não se tem a informação sobre quantas instituições abertas ao público dispõem de cópias dos microfilmes.

Destacamos a questão da comparativa abundância de documentos escritos pelo próprio André Rebouças porque se trata de uma raridade dentre os mais importantes intelectuais negros do abolicionismo no Brasil. Lígia Fonseca Ferreira, nesse sentido, pensa os “abolicionistas ‘de cor’” (FERREIRA, 2015, p. 230) como um grupo nascido a partir da interconexão entre Luiz Gama (1831-1882), André Rebouças (1838-1898), Ferreira de Menezes (1845-1881) e José do Patrocínio (1853-1905).

Entre 1880 e 1881, o coro a quatro vozes negras do abolicionismo se completaria com a presença do “matemático e astrônomo, botânico e geólogo, industrial e moralista, higienista e filantropo, poeta e filósofo” André Rebouças. (FERREIRA, 2015, p. 234)

As qualificações entre aspas fazem referência à descrição de Rebouças feita por Joaquim Nabuco em seu *Minha Formação* (1998, p. 56). Entre os quatro, é verdade, que o conjunto documental deixado por Luiz Gama também é impressionante. Em anos recentes, para além dos importantes esforços de Lígia Ferreira (2011, 2021), mais de 500 documentos inéditos estão sendo publicados, desde 2020, pela Editora Hedra, sob a organização de Bruno Rodrigues de Lima (2021, 2023). A reunião dos textos de Gama só foi possível graças ao acesso a múltiplos acervos espalhados majoritariamente pelo estado de São Paulo e, obviamente, diversos anos de dedicação minuciosa. O caso da documentação de André Rebouças, nesse mister, podemos entender, é bastante mais

¹¹ A referência completa aparece no artigo de Anita Maria Pequeno Soares como: Acioli, Vera Lúcia Costa. Diários de André Rebouças. Recife: 2010.

favorável para estudos tanto de caráter temático-específico, quanto para investigações sistemáticas de seu pensamento. Ao que se sabe, até o momento, o formato dos escritos de Gama não parece ter sido agrupado de maneira similar aos diários de André Rebouças. Tratam-se, aparentemente, de outras formas narrativas¹².

Não é o objetivo aqui nos determos nos debates sobre o volume de escritos deixados por Gama, Ferreira de Menezes ou Patrocínio. Seria, contudo, irresponsável em termos historiográficos não se mencionar o número relativamente ainda restrito de pesquisas que se faz sobre André Rebouças, bem como em relação a todos os quatro abolicionistas negros supracitados. Ainda que Luiz Gama venha ganhando mais e mais visibilidade tanto em produções acadêmicas, como em produções de outras naturezas, carecemos de mais trabalhos dedicados a compreender seu pensamento e suas inúmeras contribuições para o pensamento jurídico e social. Como introduzimos, o caso de André Rebouças é flagrante dessa realidade que nos parece ainda mais dramática. Faz-se urgente estudar de forma mais sistemática seu pensamento. Também da perspectiva da escrita de si, o conjunto documental deixado por ele nos abre, talvez de maneira única, a possibilidade de compreendermos os caminhos trilhados para compreender a complexidade de sua pertença racial dentro das especificidades sociais da escravocracia brasileira. Futuros estudos sistemáticos dos diários de Rebouças poderão nos render a compreensão daquilo que Lígia Ferreira investigou em Gama: “Em Luiz Gama, verifica-se uma complexa construção estendida do ‘eu negro’ ao ‘nós negros’, sob a qual se abriga, em ampla tessitura, mais de uma figura: do escravo e/ou africano/estrangeiro aos abolicionistas de cor” (FERREIRA, 2015, p. 236).

3 – 28 DE FEVEREIRO DE 1888: PARTE INAUGURAL DE UM ESTUDO SOBRE A HIGIENE COMO PREOCUPAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DO ENGENHEIRO ANDRÉ REBOUÇAS

A amplitude de André Rebouças pode ser atestada em diversas esferas da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Um sujeito histórico que se constituiu enquanto engenheiro civil associado a espaços do governo imperial e também na iminente tentativa de estruturar companhias privadas para captação de recursos “[...] visando agilizar a modernização do país” (CARVALHO, 1998, p. 12), bem como, um

¹² Sobre a temática, ver mais em: SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. Reflexões sobre narrativa escrava (em língua inglesa) e os escritos de Luiz Gama. *Rev. hist. comp.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 301-328, 2022.

dedicado professor da cátedra de Engenharia Civil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e ferrenho abolicionista, um dos grandes destaques da geração de 1870 deste movimento, e ainda redator em jornais como o *The Times* e a *Revista de Engenharia* da Escola Politécnica evidenciando suas múltiplas facetas.

Na esteira dessas diversas singularidades, optamos por voltar nossas análises a sua figura enquanto engenheiro dedicado as causas da higiene pública, os projetos de abastecimento de água, especialmente no Rio de Janeiro, e docas. Além de muitos projetos feitos em parceria com seu irmão Antônio Rebouças (especialista em ferrovias), colocou-se em evidência nesse ramo ao elaborar projetos que visassem um abastecimento mais democrático de água na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1870 e os projetos das docas da Alfândega e de D. Pedro II, assim, “o “engenheiro” foi a faceta escolhida para essa tarefa, pois ele permite perceber André Rebouças em palavra e ação, empenhado na modernização econômica e material daquela sociedade escravocrata e senhorial” (COSTA, 2011, p. 13). Como destaca Maria Alice Rezende de Carvalho (1998):

As obras que André Rebouças realizou e que lhe conferiram projeção como engenheiro foram as ligadas ao plano de abastecimento de água na cidade do Rio de Janeiro, durante a seca de 1870, a construção das docas da Alfândega, onde permaneceu de 1866 até sua demissão, em novembro de 1871, e as docas D. Pedro II – todas elas envolvendo enormes conflitos e debates pela imprensa. (CARVALHO, 1998, p. 12).

Seu ímpeto reformista e modernizador pode ser amplamente percebido em vários de seus estudos publicados entre os anos de 1870 e 1880, em escritos que circularam em diferentes jornais e na *Revista de Engenharia* da Escola Politécnica onde permaneceu até seu exílio pós Proclamação da República. Suas muitas preocupações com a modernização de estruturas sociais do então império brasileiro estavam diretamente associadas com a superação de serviços arcaicos e excludentes de grande parte da população, vide que eram escravizados (as), libertos (as) ou livres e, esse cenário exigia uma mudança completa não apenas de fornecimento e estruturação de serviços viabilizados pelo governo, como também uma mudança drástica de costumes que se encontravam arraigados socialmente.

Nesse mister, preocupava-se em apontar a técnica e a ciência como ferramentas de transformações, “[...] acrescentando, toda via, a questão de higiene pública como uma questão política e social” (CAMARGO, 2019, p. 20). Diante de tais inquietações, dedicou-se a elaboração e publicação de um estudo detalhado sobre higiene pessoal, pública e internacional onde conceituou detalhadamente cada um desses pontos e,

voltando-se especialmente à cidade do Rio de Janeiro e à coisa pública, evidenciou, ao seu modo que, “a necessidade de produzir uma cidade, estética e higienicamente viáveis implicava na superação de moldes escravocratas de se construir o meio urbano” (CAMARGO, 2019, p. 19).

Assim, em 28 de janeiro de 1888, André Pinto Rebouças publicava na *Revista de Engenharia* da Escola Politécnica do Rio de Janeiro a primeira parte de seu estudo sobre higiene. Faz-se importante destacar que este foi produzido em outubro de 1887 e a data inaugural de sua circulação pelos espaços onde a referida revista alcançava deu-se apenas em 28 de fevereiro do ano seguinte. O supracitado estudo é, na realidade, bastante mais amplo e também contou com partes 2, 3, 4 e 5 publicadas em números seguintes que se estenderam de fevereiro a maio do mesmo ano e, dentro das observações realizadas, tem como viés metodológico uma análise ampla do que Rebouças entendia como importante para mudança estrutural da cidade do Rio de Janeiro, com reflexões e apontamentos de cunho mais filosófico e analítico, se afastando do que hoje é entendido como Estudo Clássico da Engenharia (fórmulas, desenhos e cálculos matemáticos).

É de fundamental importância reiterar que ao realizar uma análise sobre os tópicos de *Hygiene* é perceptível, uma farta variedade de campos que abrangem desde a exploração e transporte de madeira para obras portuárias, até estudos para melhorar a compreensão das potencialidades de navegação dos rios Paraná e Uruguai, perpassando também por visões que seriam modernamente consideradas de grande sensibilidade ambiental e de saúde pública. Suas ideias, estudos e propostas cobrem diferentes áreas de atuação e são pioneiras no tocante à relação entre a atuação do estado em conjunto com esfera privada para o avanço de setores estruturais no Brasil.

A primeira parte, intitulada “HYGIENE¹³ – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional”, tem enfoque na contribuição de cunho mais filosófico e científico de variados pensadores e teóricos internacionais como Vitor Hugo, Benjamin Franklin, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Sêneca, Sócrates, entre outros. Tal arcabouço teórico nos coloca diante da percepção de que este era um dedicado estudioso que concentrava em suas ações práticas a associação de teorias científicas que “[...] serviram-lhe para forjar uma convicção sobre a necessidade de integrar, modernizar e democratizar os *espaços nacionais*” (MIRANDA, 2013, p. 181 – com grifos nossos). Não podemos deixar

¹³ Optou-se por utilizar a grafia original encontrada nas fontes analisadas.

de mencionar que algumas dessas referências e reflexões nasceram da trajetória intelectual de seu pai, o já referido Antônio Pereira Rebouças (GRINBERG, 2002).

A segunda parte, tem como título “HYGIENE PUBLICA” e conta com um dos tópicos voltados especificamente a cidade do Rio de Janeiro, este foi intitulado de “Aplicação dos principios geraes de Hygiene publica ao Rio de Janeiro”. Neste ponto, todo o debate de Rebouças se concentrou na realidade da cidade associada às suas inquietações quanto ao que ele julgava ser um lugar que “[...] faltam, por fatalidade, todas as condições hygienicas¹⁴; ” (REBOUÇAS, 1888). Tamanha é sua indignação a tais condições que ele seguiu este primeiro tópico da segunda parte do estudo apontando que esta situação estava associada ao estado natural da cidade, contudo não apenas a isto, também era possível culpabilizar os governantes e o total desprezo aos princípios da Higiene que, se aplicados corretamente, funcionariam efetivamente. O trecho abaixo destaca este argumento.

A situação, onde foi fundada a capital do Imperio, tem defeitos naturaes; mas, deve-se confessar, seus mais graves defeitos foram produzidos pelo systematico despreso de todos os preceitos da Hygiene; pela subordinação dos governantse aos mais mesquinhos e inconfessaveis interesses plutocraticos” (REBOUÇAS, 1888).

Na sequência, é possível delimitar mais três partes desse amplo estudo que vão destrinchando todos os aspectos do que Rebouças julgava essencial para que a capital do império funcionasse de maneira moderna e mais acessível a todas as camadas sociais. Ainda sobre a higiene pública, a terceira parte foi intitulada de “abastecimento d’agua ao Rio de Janeiro”, a quarta parte foi direcionada a críticas mais efusivas ao governo e foi nomeada como “Hygiene internacional” e como tópico principal se destacou a “synopse do proteccionismo nesse imperio” e, por fim, a quinta parte foi de encontro a uma conclusão que ficou definida por Rebouças como “Iniquidade do cordão-sanitário” e buscou jogar luz ao fato que este “cordão-sanitário¹⁵” não passava de um “[...] tristissimo

¹⁴ Importante pontuar que foi feita uma análise de todo o estudo publicado na Revista de Engenharia, mesmo que a parte com maior atenção seja a publicada em 28 de fevereiro que trata da parte introdutória do referido estudo, não nos ateremos apenas a ela, serão utilizadas outras partes da reflexão de André Rebouças.

¹⁵ Essa expressão refere-se a uma série de medidas tomadas para impedir a propagação de epidemias. Em aspectos gerais, trata-se de “[...] uma barreira criada para impedir a proliferação de um agente infeccioso ou epidemia. O termo é frequentemente utilizado metaforicamente para designar medidas para combater a propagação de uma ideologia considerada indesejável ou perigosa”. Ver mais em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cord%C3%A3o_sanit%C3%A1rio / acesso em 29/06/2023; https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/01/24/interna_internacional,1116682/quarentenas-e-cordoes-sanitarios-receitas-antigas-para-grandes-epidem.shtml / acesso em 29/03/2023.

producto do medo e do proteccionismo [...]” (REBOUÇAS, 1888) que circundavam o império brasileiro.

Entendemos que o referido estudo nos serve de observatório para pensarmos não apenas as contribuições de André Rebouças para a infraestrutura e modernização do Rio de Janeiro, bem como, também entregam subsídios para a construção de entendimentos sobre aspectos da saúde (de maneira ampla) e da história da engenharia no Brasil. Visto que,

[...] a discussão sobre o acesso e o fornecimento de água, preocupações com a modernização e eficiência dos sistemas de abastecimento já se fazem presentes desde meados do século XIX.

A cidade do Rio de Janeiro apresentava funções centrais na economia brasileira durante o século XIX: era porta de entrada do país tanto para imigrantes quanto para mercadorias (mão-de-obra africana escravizada e produtos manufaturados importados), e de saída para o café produzido no Vale do Paraíba, até então principal área cafeeira do país. No entanto, sua importância contrastava com as dificuldades que a cidade apresentava no setor de transporte e pela ausência de saneamento. (CAMARGO, 2019, p. 9).

Para além desse viés que pode ser entendido como mais tecnicista, também podemos ampliar e agregar reflexões acerca da aplicação de soluções no campo da infraestrutura e engenharia a partir de uma perspectiva de inclusão das especificidades e das peculiaridades das realidades socio-raciais da cidade do Rio de Janeiro e, em alguma medida, do Brasil. Uma vez que a ideia de higienização posta pelas elites dirigentes¹⁶ do período (final do século XIX e início do XX) estava diretamente associada a uma “limpeza¹⁷” do centro do Rio de Janeiro e isso exclui diretamente a população negra advinda da escravidão e que até o momento de publicação introdutória do estudo não estava totalmente liberta, esse viés, inclusive, buscava “[...] minar corpos negros nos processos de revitalização da cidade” (CAMARGO, 2019, p. 4).

¹⁶ Como *elites dirigentes* entendemos, com o aporte teórico de Santos (2020) e Faria (2020) em consonância com A. S. Santos (1997), as elites que coadunavam o poderio econômico, político e intelectual da época e “formavam um bloco coeso, especialmente no que diz respeito a escolha racial dos então futuros trabalhadores livres brasileiros” (SANTOS; FARIA, 2020, p. 6 – com grifos nossos). Isso não implica, por exemplo, que alguns dos membros de uma das categorias acima citadas, fizesse parte de apenas uma categoria, alguns versavam em todas elas, como é o caso de Joaquim Nabuco que era “filho de latifundiário, político e intelectual” (SANTOS; FARIA, 2020, p. 6).

¹⁷ Faz-se importante refletir que os debates sobre limpeza e higienização do Rio de Janeiro são amplamente debatidos no contexto de proclamação da república e a chamada *Belle Époque* que se consolidou no século XX, contudo, em fins do século XIX algumas questões de estruturação social dos grandes centros já são notadas. Análises como a de Rebouças no estudo aqui analisado, de viés democrático, e de governantes do Império visando uma “limpeza” dos centros sem inserir camadas mais baixas das populações no cenário ditaram os contornos do que se estabeleceria no pós-abolição e nos primeiros anos da República. Para ver mais sobre o tema, em especial no início do século XX: SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Editora Unesp, 2018.

Oposto a essa lógica higienista elitista que começou a se construir no século XIX e se intensificou no XX, Rebouças (1888) destacou, na terceira parte do seu estudo sobre higiene que, entre vários tópicos, tratou do abastecimento de água no Rio de Janeiro, que:

Entre as objecções, feitas pela Burocracia de 1870, figurava a intenção do Governo Imperial de fazer o abastecimento d'água do Rio de Janeiro um serviço de beneficencia ao publico; actualmente o escôpo é diametralmente opposto; intenta-se obter renda para o Thesouro Nacional afim de cobrir o deficit, produzido pelos milhares de réis empregados.

A proposta, apresentada em 1870, não se limitava ao abastecimento d'água puro e simples; comprehendia todos os serviços connexos, especialmente: - estabelecimento de banhos, piscinas de natação, lavanderias publicas, distribuição de força motriz hydraulica, etc.

Nos dezessete annos decorridos desde 1870, não se creou um só estabelecimento de banhos para a população pobre desta capital ... – E ainda admiram-se que ella seja dizimada pela variola nas terríveis proporções de uma epidemia de cholera ou de febre amarella?!! (REBOUÇAS, 1888)¹⁸.

Este excerto nos ajuda a dimensionar o brilhantismo de suas ideias e reflexões sobre o papel das obras de infraestrutura urbana nas realidades humanas e sociais e, de igual modo, enfatiza a pouca ou nenhuma preocupação governamental com “a população pobre desta capital”. Entendemos que esta é uma perspectiva modernista e mais acessível das inquietações de Rebouças que está inserida em seus estudos da relação do Estado para o bem-estar social de classes e populações desfavorecidas. O que faz dele, nas palavras da historiadora Hebe Mattos (2022), “um dos mais importantes intelectuais negros do século XIX”.

Dentre os muitos aspectos que Rebouças aborda em seu estudo, a conceituação do termo Higiene, bem como, suas vantagens na construção de uma sociedade são pontos de partida para reflexões construídas por ele. Para que se compreendam essas nuances, é preciso refletir sobre a origem do conceito juntamente com a perspectiva que André Rebouças aborda associadas a todas suas referências teóricas sobre o tema. Assim, as primeiras linhas do referido trabalho indicam que:

A palavra Hygiene, - como quasi todas que exprimem ideias scientificas, altruistas e philanthropicas, é de origem Hellenica.

Hygeia, no poetico idealismo Hellenico, era a Deosa da Saúde; filha dilecta de Esculapio, o Divino pai da medicina.

¹⁸ A realidade brasileira na atualidade ainda encontra diversas dificuldades ao tratar da questão do saneamento básico, a destinação de lixo e esgoto de maneira inadequada e a falta de tratamento de água acarretam, ainda hoje, uma série de doenças que afetam diretamente as populações com pouco ou nenhum acesso a esses serviços. Ver mais em:

[...]

A Historia da Hygiene confunde-se com a Historia da Civilização Hellenica; soffre os mesmos eclipses durante a ominosa dominação Romana; salva-se, a custo, nos destroços deixados pela invasão dos Barbaros; Ressurge, como tudo, na época do Renascimento; Codifica-se e toma habitos scientificos sob a influencia dos principios humanitarios e cosmopolitas, pregados pelos Apostolos de 1789. (REBOUÇAS, 1888).

Neste trecho, a observação a ser feita vai de encontro ao jogo narrativo que Rebouças utilizou para justificar tamanha importância da aplicação do conceito de higiene. Além de associar toda estrutura a filósofos e cientistas que eram base de sua reflexão, os teóricos escolhidos perpassam pelo viés pessoal, o público e o internacional ou universal e estes explicam o cunho individual, público e universal do princípio supracitado demarcando que se este não for priorizado, qualquer busca por reformas e modernização não serão efetivas. Rebouças, ainda na parte 1 de seu estudo, frisa que

Platão mandou escrever no frontespicio da sua Academia: - “Não entre aqui quem ignorar a geometria”. Em discussão de Hygiene, deveria ser também prohibido ter entrada quem não estivesse convencido “que um cadáver pèsa mais do que um milhão de libras esterlinas. (REBOUÇAS, 1888).

Desse modo, todos os excertos abordados até aqui indicam a preocupação de Rebouças com essas questões e que não estão desassociadas de todos os outros princípios e facetas que demarcamos a respeito dessa destacada figura. Com buscas minuciosas, podemos afirmar que, no campo da historiografia, a faceta mais conhecida de André Rebouças seja aquela ligada aos diversos movimentos abolicionistas, com especial destaque na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda que compreendamos que ela não se desassocie de todas as reflexões produzidas por ele no campo de uma concepção de engenharia que incluía os temas mais recentemente que podem ser colocados no escopo profissional ligados ao campo do urbanismo e infraestrutura, suas preocupações sócio-políticas são percebidas nas diferentes análises e observações das diversas camadas sociais que precisavam ser superadas em uma sociedade que se constituiu sob a égide da escravidão que perdurou por mais de três séculos.

Na sequência, Rebouças (1888) aponta que “Hygiene divide-se naturalmente” em três grandes grupos e estes podem ser utilizados para pensar quais medidas podem ser postas em prática para melhor romper com estruturas arcaicas e reformular os espaços que foram pensados apenas para as elites. Assim, destacou:

- 1º. – Em Hygiene pessoal ou privada, moral, mental e physica;
 2º. – Em Hygiene Publica; urbana, municipal, provincial e nacional;
 3º. – Em Hygiene Internacional ou Universal; Hygiene do Commercio, da Navegação e das Migrações; a qual principia nascer agora sob a influencia do Vapor e da Eletricidade. (REBOUÇAS, 1888).

Para refletir sobre o primeiro ponto, Rebouças (1888) apontou que “nada mais difficil que a Hygiene pessoal” visto que essa era mais uma virtude do que ciência – utilizando com base teórica para sua argumentação Jean Jacques Rosseau – e como exemplo máximo utilizou seu pai Antônio Pereira Rebouças que viveu 82 anos por presar pela “conservação da saúde, << no culto pessoal>>, na conservação da obra de Deos” (REBOUÇAS, 1888). O que se pode inferir quanto a este primeiro tópico diz respeito a preocupação individual com a limpeza e saúde para que estes se estendam posteriormente ao âmbito público e internacional.

Visto que, quando se coloca em debate a “Hygiene Publica” é fundamental que se pense na saúde e bem-estar de todos os cidadãos e não apenas aqueles que estão inseridos numa logica elitista de governo. Ao se valer de Sêneca, André Rebouças (1888) afirmou que “não ha maior dever para um governo que preservar a vida dos seus concidadãos” e quem não tinha compreensão de tal importância deveria ser proibido de frequentar estes locais de poder. E, tratando da “Hygiene Internacional” a reflexão ficou a cargo de pensar acerca do tema de maneira ampla tendo ciência de que “não ha desgraça humana alguma que não nos seja comum” (REBOUÇAS, 1888). Desse modo, os três pontos em destaque na parte introdutória desse estudo, publicado em 28 de fevereiro de 1888, ditaram os contornos e análises das publicações subseqüentes.

A continuidade dessa parte introdutória do estudo coloca em evidência outros aspectos que demarcam a amplitude de conhecimentos de Rebouças. Ao tratar da hygiene física e mental, buscou enfatizar os riscos de não se preocuparem com asseios, humildade e a saúde mental e, neste último ponto, destacando especialmente a realidade daqueles que não possuíam estrutura para essa boa preservação mental. Infere-se tal preocupação quando destacou: “Por outro lado, é impossível qualquer trabalho quando se está tiritando de frio, ou sentindo caimbras de fome” (REBOUÇAS, 1888).

É importante, contudo, pontuar que dentro de todos esses aspectos já destrinchados, Rebouças não deixou de refletir sobre a influência do escravismo na aplicação dos preceitos de hygiene que ele estava defendendo. Como é sabido, desde a década de 1870, se colocou como combatente da escravidão e ajudou a fundar clubes abolicionistas que fortalecessem os debates e ações para que esta instituição caísse dentro

do império brasileiro e que, além disso, fossem dadas condições para que esta população liberta conseguisse se inserir socialmente nessa estrutura.

Desse modo, ele apontou algumas questões que foram apenas uma “Synopse da influencia do escravagismo na Hygiene Pessoal”, visto que para ele era muito cedo para conseguir perceber todos os lastros deixados pela “nefanda do Escravagismo” (REBOUÇAS, 1888). Assim, enumerou, entre muitos pontos, que:

- 1º. A orientação geral parasitaria; o odio do trabalho; a aversão, o horror aos esforços da intelligencia e do corpo;
- 2º. [...] a ignobil tendencia de descarregar sobre o mais proximo a obrigação propria; o fatalismo; a imprevidencia, a relaxação em tudo e por tudo;
- 3º. A cubiça vil de adquirir sem trabalhar; a tendencia nefanda de ganhar pelo jogo, pela loteria, pela aposta; a febre de ouro; sacra *fames auri*¹⁹; [...] (REBOUÇAS, 1888).

Este trecho colabora com nossas reflexões acerca da figura de Rebouças como um grande articulador de sua formação enquanto engenheiro e seus ideais políticos, econômicos e sociais para uma transformação efetiva do espaço social no império brasileiro. Como analisou o economista Carlos Lessa (2001), em apresentação do livro “Reforma e utopia no contexto do segundo império – quem possui a terra possui o homem” de Joselice Jucá: [...] nasce a consciência do compromisso público e organizam-se os componentes de sua original reformulação social para o Brasil. Sua formação de engenheiro estabelece o primeiro patamar sólido de sua visão de mundo” (p. 1).

Nesta toada, outros aspectos perceptivos dessa associação do engenheiro diretamente ligado a preocupação com as classes mais baixas da população também podem ser percebidos nas partes 2 e 3 do seu estudo que trata especificamente da questão de higiene urbana na capital do império. A segunda parte subdivide-se em: aplicações gerais dos princípios da higiene pública ao Rio de Janeiro, Projeto Bulhões para o melhoramento do litoral da Bahia de Guanabara, Esgotos do Rio de Janeiro, Canal marítimo de Santa Cruz²⁰ e cloaca máxima²¹ para o Rio de Janeiro. Na parte três, entre os

¹⁹ Em tradução do Latim: “fome de ouro”.

²⁰ Trata-se do canal marítimo que dá acesso ao do Porto do Rio de Janeiro, localizado na costa oeste da baía de Guanabara. É uma área marítima “[...] compreendida até a boca da barra, entre a ponta de Santa Cruz e ponta de São João e interiores de lagoas”. Ver mais em: <https://www.portosrio.gov.br/pt-br/portos/porto-do-rio-de-janeiro/caracteristicas/> acesso em 29/06/2023.

²¹ “Cloaca Máxima” é um termo em Latim que tem como significado “grande esgoto” e foi utilizado para definir um sistema de drenagem e esgoto. Para Rebouças, a ideia era que este fosse desenvolvido para comportar a necessidade de toda cidade do Rio de Janeiro. Sobre o significado do termo, ver mais em: https://www.aleinvitti.com/arte_e_arquitetura/cloaca-maxima/ acesso em 29/06/2023.

tópicos, estão presentes a questão do abastecimento de água no Rio de Janeiro e a importância das lavanderias públicas. Cabe frisar que, no percurso de toda nossa análise, não foram abordados ponto a ponto do estudo, mas julgamos importante mencioná-los para dimensionar o grau de análise e complexidade de André Rebouças.

Ao tratar dos princípios da higiene pública na capital, Rebouças demonstrou sua preocupação em relação a degradação do meio ambiente e o estado de saúde das populações que viviam na “Bahia do Rio de Janeiro” e isto estava diretamente ligado ao fato das pessoas que estavam envolvidas nesses processos não investirem verdadeiramente nesses espaços e sequer verem necessidade de tais atos. Destacou:

Não ha capital da Europa, nem cidade importante dos Estados Unidos, que não tenha executado obras de elevadissimo custo para melhorar suas condições hygienicas.

O Rio de Janeiro é, nesta especialidade, tristissima exceção ...

Dir-se-hia que estão á espera de um terremoto, como o de Lisbôa; de um incêndio, como o Londres; ou de uma peste negra, como a de Marselha; para se decidirem a sacrificar alguns milhares de contos de réis ao saneamento da capital do Imperio!! ... (REBOUÇAS, 1888).

Para ele,

A população do litoral da bahia, fraca, anemica, vivendo de pescas e de fructos, acha-se em um estado de abatimento e de miséria indescrível; póde-se rigorosamente dizer que vive morrendo, a fogo lento, consumida pela febre, e pelos antropiantes miasmas palustres; pela miseria physiologica em todas as suas mais pungentes manifestações ... (REBOUÇAS, 1888).

Diante de tamanhas inquietações em busca de um melhoramento real da capital, defendeu uma política de recolhimento de lixo no canal marítimo de Santa Cruz, a construção de espaços públicos para lavagem de roupas e banhos, a construção de um grande canal de esgoto para obter “[...] a dessecação do subsolo do Rio de Janeiro, e livrar sua bahia da nefanda infecção pelas casas de esgoto” (REBOUÇAS, 1888). Durante todo estudo, Rebouças apontou suas inquietações e produziu suas diversas análises associando teorias que versavam entre o espaço físico e o social, a preocupação com a higiene em todos os níveis possíveis de serem trabalhados incluindo nesse aspecto até elementos que julgava comuns a todas as sociedades e ainda afirmou, categoricamente que, “o problema da hygiene é um problema Político-Social” (REBOUÇAS, 1888) e que este deveria ser solucionado com ferramentas efetivas e não apenas com medidas superficiais para que a capital do império se aproximasse da realidade modernizadora de outras capitais da Europa e dos Estados Unidos.

Procuramos contribuir com algumas reflexões acerca das colaborações de André Rebouças para os estudos de história da engenharia, da história da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e do brilhantismo de suas ideias e reflexões sobre o papel das realidades humanas e sociais para as obras de infraestrutura urbana. Entendemos esse último fator como a perspectiva inovadora de preocupação que Rebouças insere em seus estudos da relação do papel do estado para o bem-estar social de classes e populações desfavorecidas. No contexto da escravocracia brasileira, essa preocupação, aliada ao seu ativismo abolicionista, é especialmente revolucionária e faz dele, nas palavras da historiadora Hebe Mattos, “um dos mais importantes intelectuais negros do século XIX”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Movimentos sociais abolicionistas**. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio (Orgs.). *Dicionário da escravidão a liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)** / Angela Alonso. – 1ª Edição – São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimentos: a geração de 70 na crise do império**. Doutorado (tese), USP, 2000.

BARBOSA, V.; CAMPOS, E. **André Rebouças, Joaquim Nabuco e a Abolição: Algumas Correspondências**. Publisher, 2010. <http://www.unicap.br/referencia-e-memoria/wp-content/uploads/2010/12/ANDR%C3>
Acessado em 25/04/2023.

BRITO, L. C. "Mr. Perpetual Motion" enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 32, n. 69, p. 229-248, 2019. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862019000100229.
Acessado em 25/04/2023.

CAMARGO, Maria Clara de Almeida. **André Rebouças e modernização: análise sobre as perspectivas de abastecimento de água e de higiene pública de um engenheiro negro abolicionista**. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de Carvalho. **O Quinto Século. André Rebouças e a Construção do Brasil**, Rio de Janeiro, IUPERJ/UCAM/Editora Revan, 1998.

CORDIVIOLA, A. Um engenheiro na exposição universal: André Rebouças e os fantasmas da técnica. **Signótica**, v. 13, n. 2, p. 165-184, 2001.
<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5605>

Acessado em 25/04/2023.

DAIBERT JÚNIOR, R.; MATTOS, H. UM TOLSTOI AFRICANO: ANDRÉ REBOUÇAS E UM OUTRO OCIDENTE (1889–1898). **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 35, n. 71, p. 221-239, 2022

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862022000100221

Acessado em 25/04/2023.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **De escravo a cidadão: Luiz Gama, voz negra no abolicionismo**. In: MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo; CASTILHO, Celso Thomas. *Tornando-se livres: Agentes históricos e Lutas sociais no processo de abolição*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros**. Editora Civilização Brasileira, 2002.

JUCÁ, Joselice. **André Rebouças: reforma e utopia no contexto do Segundo Império**. Rio de Janeiro: Construtora N. Odebrecht, 2001.

LIMA, A. B. "Quem possui a terra, possui o homem": abolicionismo e democracia rural nas ideias agrárias de André Rebouças. **PerCursos**, v. 20, n. 43, p. 23-38, 2019. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984723817432019002>.

Acessado em 25/04/2023

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **O Plano e o Pânico: Os movimentos sociais na década da abolição** / Maria Helena Pereira Toledo Machado. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MENEZES, M.V.S. A utopia agrária e democrática de André Rebouças. **Revista Três Pontos**, v. 5, n. 2, p. 145-155, 2008.

<http://periodicos.ufmg.br/index.php/trpontos/article/view/6976>

Acessado em 25/04/2023.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Editora do Senado Federal, 1998.

REBOUÇAS, André. **Cartas da África: registro de correspondências, 1891-1893**. André Rebouças; organização Hebe Matos. – 1. Ed. – São Paulo: Chão Editora, 2022.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709743&pasta=ano%20188&pesq=%22andr%C3%A9%20rebou%C3%A7as%22&pagfis=2521> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional. Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%C3%A9%20rebou%C3%A7as%22&pagfis=2524> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional. Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%c3%a9%20rebou%c3%a7as%22&pagfis=2532> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
 Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%c3%a9%20rebou%c3%a7as%22&pagfis=2533> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
 Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%c3%a9%20rebou%c3%a7as%22&pagfis=2544> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
 Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%c3%a9%20rebou%c3%a7as%22&pagfis=2548> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
 Acesso em 16/04/2023.

REBOUÇAS, André Pinto. **HYGIENE – Hygiene Pessoal – Hygiene Publica – Hygiene Internacional. Revista de Engenharia.**
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&Pesq=%22andr%c3%a9%20rebou%c3%a7as%22&pagfis=2580> / Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.
 Acesso em 16/04/2023.

PEDROSA, Schwarcz Lilia (org.). **Histórias mestiças: antologia de textos.** Rio de Janeiro: Cabogó, São Paulo, 2014.

SILVA, A.C.H. da. **André Rebouças no divã de Frantz Fanon.** In: SILVA, A.C.H. da. [et al.] (org.) Editora Artêra, 2023, pgs. 223.

SILVA, Ivan de Oliveira. **“SÓ DEUS ME VIU CHORAR”: NOTAS SOBRE OS CONTURBADOS ANOS DA TRAJETÓRIA DE ANDRÉ REBOUÇAS A FRENTE DA COMPANHIA DOCAS DA ALFÂNDEGA.** **Revista Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 14 n. 42, 2022.

VERÍSSIMO, Inácio José. **André Rebouças: através de sua autobiografia.** Rio de Janeiro: J. Olympio. 1939.

VIEIRA, N. S. André Rebouças: o intelectual orgânico dos Negociantes. In: XXVII Simpósio Nacional de História–Anpuh, 2013.
http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1366567922_ARQUIVO_niteroivalencaa.pdf
 Acessado em 25/04/2023.

TRINDADE, Alexandre Dantas. **André Rebouças: um engenheiro do império**. Editora Hucitec. São Paulo, 2011.
